Chá-de-panela, análise de um rito social *

ROQUE DE BARROS LARAIA
MARIA ZAIRA BATISTA DE MELLO

Este trabalho pretende analisar um rito social, de participação preferencialmente feminina, conhecido em quase todo o Brasil pela denominação de "chá-de-panela". Constatou-se no decorrer da pesquisa que, nos últimos anos, as suas características sofreram modificações radicais de tal modo que de uma cerimônia "bem comportada" transformou-se num rito marcado por fortes procedimentos agressivos, dotados de conotações simbólicas bem manifestas. A sua forma atual é bastante diversa da existente há cerca de vinte anos, quando ocorria uma reunião entre a noiva e suas amigas, durante a qual além das conversas padronizadas sobre o casamento havia uma exibição do enxoval. Na ocasião, a moça recebia presentes destinados a equipar a sua futura cozinha, caracterizados por serem suficientemente baratos e, por isto mesmo, inadequados para serem dados como presentes de casamento.

Atualmente, os refrigerantes e principalmente as bebidas alcóolicas subsituiram o chá que era de fato servido às participantes durante a reunião. Hoje dessa infusão restou somente o nome, mas acreditamos que uma análise do conteúdo semântico da denominação do ritual, apesar das limitações da abordagem criptográfica, pode ser de utilidade para o nosso trabalho. Apenas no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda existe um verbete definindo "chá-de-panela" como uma reunião oferecida a noiva para presenteá-la

---

* O trabalho de observação participante foi realizado por Maria Zaira Batista de Mello, então aluna de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, que juntamente com o pesquisador senior, professor da mesma Universidade, participou da elaboração da análise e da redação do artigo.

com objetos de utilidade doméstica. Mas, os demais dicionários indicam que a associação da palavra chá com outras refere-se mais frequentemente a uma situação desagradável e até mesmo injuriosa para alguém. Assim, "chá-de-cadeira" significa que uma pessoa permaneceu sentada por um longo tempo em uma ante-sala ou que uma moça, em um baile, permaneceu sentada por não ter conseguido um par. "Chá-de-bico" consiste em um ponta-pé no trazeiro ou uma lavagem intestinal. "Chá-de-garfo" são indiretas que visam ofender alguém. "Chá-de-casa-de-vaca" é uma sova de chicote, o que de certa forma se equivale aos mais conhecido "chá-de-vara-de-marmelo". "Chá-de-cipó" refere-se a pessoa que cresceu além do esperado. "Chá-de-meia-noite" significa veneno letal. A própria palavra chá, quando utilizada isoladamente, pode indicar motejo indireto, reparo repressivo, trote, hábito ou pilhéria. Por outro lado, existem conotações corretivas como "não tomar chá em criança" atribuida a pessoa deseducada. Devendo também ser lembradas as conhecidas propriedades de correção medicinal a ele frequentemente relacionadas, com por exemplo: "chá-de-hortelã", "chá-de-louro", "chá-de-erva-cidreira", etc. Mas, o importante é que além de corrigir deficiências físicas o chá aparece também para corrigir falhas de personalidade, daí o "chá-de-paciência", "chá-de-vergonha", "chá-de-mancômetro", "chá-de-juízo" e outros que pretendem dar a determinada pessoa aquilo que lhe falta (ex. fulano deve tomar um chá-de-juízo). Ainda, devemos recordar a bem conhecida expressão "dar uma colher de chá", o que pode ser traduzida como oferecer uma oportunidade a alguém. Resumindo, chá pode significar: a) uma situação desagradável, motivo de zombaria; b) uma propriedade curativa ou mesmo educativa; c) uma oportunidade que se dá apenas a quem a gente simpatiza.

A grosso modo, antes de uma análise mais detalhada, gostaríamos de dizer que a partir da investigação dos significados acima podemos entender um pouco a denominação ritual. Talvez, o que esta expressão quer significar é que com o casamento a noiva será obrigada a permanecer muito tempo diante das panelas, em outras palavras reforça a posição doméstica tradicional da mulher. Por outro lado, o chá, apesar de ter momentos desagradáveis para a noiva, constitui-se numa forma de iniciação sexual proporcionada pelas amigas à jovem.

O que este artigo pretende, também, demonstrar é que as mudanças que ocorreram relacionadas com o ritual do casamento, que

de certa forma perdeu muito de sua antiga importância,[1] determinou alterações no rito que analisamos, isto porque como afirma Mary Douglas (1966: 62) "como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece imediatamente em outras, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social".

I

O procedimento utilizado na pesquisa foi o da observação participante, obviamente realizada apenas por parte da pesquisadora, sendo que esta teve oportunidade de assistir ao evento nas mais diferentes camadas sociais de Brasília, além de ter obtido uma grande soma de informações através de entrevistas com pessoas que participaram deste ritual, em outras ocasiões e em outras localidades.

A pesquisadora esteve presente em chás que ocorreram no Lago Sul, região da cidade onde se concentram as famílias de mais alta renda ou mais alto status social ou político. No Plano Piloto, Asa Sul ou Norte, em residências de pessoas de classe média, o mesmo acontecendo no bairro do Cruzeiro e na cidade satélite de Guará. Por fim, esteve no Gama, cidade satélite, justamente na parte onde se concentra a população mais humilde. Em conseqüência disto, o grau de instrução das participantes dos diferentes chás variou desde a escolaridade elementar, ou menos ainda, até a universitária.

Na maioria dos chás, a noiva e grande parte das participantes desconheciam a presença da pesquisadora, que era então considerada como uma das convidadas. Por motivos que ficarão claros posteriormente, não existiu em nenhum momento restrições ao uso do gravador, quando a pesquisadora assim o quis. E embora, em alguns chás, algumas das participantes utilizassem de máquinas fotográficas, a pesquisadora preferiu não usar este recurso de documentação.

Além da observação de chás que ocorrem atualmente, foram realizadas entrevistas para saber como era o mesmo no passado. Assim, uma informante, que em 1926 contraiu matrimônio na cidade do Rio de Janeiro, contou que o chá era uma reunião oferecida pela noiva a suas amigas, consistindo de um lanche, acompanhado do chá propriamente dito, durante o qual a noiva mostrava o seu enxoval, principalmente as peças por ela confeccionadas. As amigas,

---

[1] Não nos referimos apenas a diminuição do fausto no ritual do casamento, mas também a perda de sua importância como determinador de status. Muitas das jovens que participam do chá-de-panela não passam pelo ritual de casamento civil ou religioso.

por sua vez, traziam presentes que complementavam o enxoval, freqüentemente feitos por elas mesmas, havendo uma combinação prévia a respeito. É evidente que era uma oportunidade da noiva mostrar ao seu círculo de amizade suas aptidões culinárias e manuais, que então a tornava apta para o casamento. Além de que, como frizou a informante, a moça "ia casar direitinho", isto é seguindo todos os preceitos da época.

Mais tarde, constatou-se que ocorreram modificações no que se refere aos presentes oferecidos à noiva. Estes deixaram de ser objetos de uso pessoal da moça para serem os mesmos utilizados atualmente, ou sejam utensílios destinados a equiparem a cozinha, mas que em função de seu baixo custo não são dignos de serem ofertados como presentes de casamento (ex.: panos de pratos, colher de pau, abridor de latas, sacarrolha, peneira, etc.). Nessa época, era comum a ocorrência de alguns jogos de salão, que provavelmente não diferiam dos então costumeiramente empregados em outras reuniões.

Atualmente, o chá-de-panela é organizado por uma das amigas da noiva, sendo freqüentemente realizado em casa de uma destas. Devido a características do ritual, a organizadora quase sempre procura a aquiescência prévia da noiva para a realização do mesmo, quando ambas combinam todos os pontos que são importantes para a sua realização. Tais como a lista de convidadas, a lista de presentes, a divisão de responsabilidade pelo lanche, etc. Contudo, pode ocorrer casos em que o chá constitui uma surpresa para a noiva. Esta é convidada para comparecer a casa de alguém sem saber o que lhe espera.

Um dos cuidados da organizadora ao escolher o local para a realização do chá é de assegurar que no momento do mesmo não ocorrerá a presença masculina. Assim, os homens, moradores da casa, são prevenidos para se retirarem antes de seu início. Entretanto, em alguns casos, foi tolerada a presença de meninos, pelo menos na parte inicial do rito. Este fato não é contraditório, desde que a sexualidade do menino não é ainda reconhecida.

Quando as convidadas começam a chegar, a organizadora recebe os presentes e os coloca em um lugar, tomando cuidado de evitar que a noiva tente tocá-los a fim de procurar adivinhar o seu conteúdo. Cabe à organizadora fazer as apresentações e criar as condições para que todas convidadas se conheçam. A partir desse momento, iniciam-se as conversas que, embora ocorram em outros contextos, constituem temas comuns a este evento: gravidez, com seus problemas; educação infantil; assuntos relativos a vida doméstica, tais como a decoração da nova residência, dificuldades de con-

ciliação do papel da esposa com outros na sociedade; eventuais fracassos, tanto matrimoniais como de namoros ou noivados, etc. Enfim, a conversa gira dentro de uma série de temas que têm em comum entre si estarem vinculados, direta ou indiretamente, ao casamento. Mas o assunto predominante é mesmo o chá-de-panela, quando se combinam as brincadeiras rememorando chás passados. Há, também, uma certa preparação da noiva, por parte de suas amigas, para o que possa ocorrer durante o ritual. Mas esta preparação, ao contrário de tranquilizá-la, pretende quebrar a sua calma e que de certa forma ela se sinta desamparada. A maior ameaça é de que as participantes desejam despí-la totalmente. Durante este período, em que ainda se espera por outras convidadas, pode ocorrer que a noiva procure aumentar o número de peças de seu vestuário ou adornos. Enquanto isto, as convidadas tramam o desenrolar das brincadeiras, sendo comum que falem alto para que a noiva escute: "Não vale enfeites". "Não vai adiantar muita roupa". "Vai ficar pelada mesmo".

A utilização de bebidas alcoólicas no que se refere à noiva tem por objetivo tentar embriagá-la e, por outro lado, pode servir de justificativas para os seus atos voluntários ou não.

Quando se acredita que todas as pessoas convidadas estão presentes, iniciam-se as brincadeiras. A mais importante é a das adivinhações, presente em todos os chás observados. A noiva tem os seus olhos vendados e, então, recebe os embrulhos com os presentes e, apalpando-os, tenta adivinhar o conteúdo dos mesmos. É "auxiliada" pelas participantes que tentam extorquir respostas de sentido ambíguo, freqüentemente com conotação sexual. Estas respostas são registradas por meio de escrita ou gravação. É necessário acrescentar que os presentes são embrulhados de forma a dificultar o seu reconhecimento. [2] A cada erro da noiva ocorre a punição que consiste na retirada de uma peça de seu vestuário e/ou o consumo de uma nova dose de bebida alcóolica. Existem formas alternativas de penalidades como pagar prendas: recitando, dançando, cantando, imitando animais ou respondendo perguntas indiscretas a respeito do noivo.

As adivinhações, nas quais a noiva leva uma evidente desvantagem, vão provocando um clima de excitação crescente, que envolve as participantes, que começam a tomar posições a favor ou contra

---

[2] A pesquisadora constatou que as moças encarregadas de embrulhar os presentes, nas lojas da cidade, estão acostumadas a fazer embrulhos que disfarçam o conteúdo quando percebem que os mesmos se destinam a um chá-de-panela.

a nudez da noiva. Ela própria costuma protestar veementemente contra a retirada de suas vestes, ocorrendo entretanto casos em que a mesma se coloca numa posição passiva ou então assume a brincadeira, utilizando do pretexto de já estar embriagada, o que isentaria a sua nudez diante dos olhos da sociedade. A bebida, obviamente, exerce um papel desinibidor para o grupo, estimulando as brincadeiras. As adivinhações devem terminar, pelo menos em tese, com a nudez total da noiva, mas isto de fato ocorreu apenas algumas poucas vezes, sendo o mais comum que lhe sejam poupadas as peças íntimas.

O jogo atinge o seu clímax quando chega-se ao último presente. A punição para o erro é mais drástica, podendo significar a retirada de uma só vez de todas as peças restantes do vestuário, ou uma outra pena bastante rigorosa "por ter perdido a sua última chance".

Mas, em diversos casos, o último presente foi uma representação fálica, anunciada como enviada pelo noivo. Esta representação varia de formas bem sofisticadas à mais grosseiras e algumas foram confeccionadas com tomates, cenouras etc. Em um outro caso este presente não ocorreu, mas a noiva recebeu uma faixa com um dístico onde sua virgindade era colocada em dúvida. É então retirada a venda dos olhos da moça, que vê os presentes, lê ou ouve os registros dos jogos de palavras ambíguas e o chá está praticamente terminado.

Em muitos chás, entretanto, a jovem não é punida com a retirada de suas vestes, mas pelo contrário é vestida de maneira ridícula — quase sempre com vestimentas masculinas — e no final é obrigado a participar de uma "passeata". Esta consiste num cortejo pela proximidade da casa onde o chá se realiza, quando são cantadas músicas com letras jocosas, tal como "Até que enfim..."

Embora as brincadeiras acima sejam os elementos mais constantes no ritual, existem outras, algumas das quais ocorrem em outros contextos com significado diferente. Preferimos descrevê-las mais tarde, juntamente com a análise, para evitar aqui uma simples catalogação, o que poderia ser considarada desnecessária.

Após descrevermos as características do evento, desejamos fazer algumas observações a respeito da participação de noivas grávidas neste ritual, uma vez que aquilo que se enfatiza no chá é a virgindade da mesma. Foram registradas três situações diferentes: a primeira, da noiva que não ocultou do grupo o seu estado; a segunda, da noiva cujo chá foi realizado pelas amigas para legitimar perante a família da moça o seu estado; e a terceira, da jovem que tentou ocultar do grupo a sua gravidez. No primeiro caso, com a revelação

da noiva, ocorrida durante o chá, este transformou-se numa reunião cordial, onde as participantes mostraram-se solidárias, mas as brincadeiras comuns em outros chás não ocorreram. No segundo caso, a realização do ritual foi uma maneira que as amigas encontraram para dar "uma força" junto a sua família, preocupada com a repercussão social da gravidez. Finalmente, no último caso, a noiva compareceu ao chá, desconhecendo que suas amigas sabiam de sua gravidez. No desenrolar das brincadeiras, durante os jogos de advinhações, ela pediu para que lhe poupassem as roupas íntimas, pois estava menstruada e tinha vergonha de ficar nua. Tal alegação provocou uma forte reação por parte das participantes, que pasram a agredí-la verbal e mesmo fisicamente, quando impediram a sua saída do recinto. As agressões continuaram, apesar de seu pranto, o que a levou ao desmaio. Estes acontecimentos ocorreram poucos dias antes da data marcada para o casamento religioso, que acabou sendo desmarcado. A jovem transferiu o seu casamento para uma outra cidade.

Sendo o chá-de-panela um ritual exclusivamente feminino, a participação masculina é bastante limitada.[3] Em alguns casos, constatou-se que os rapazes ajudaram na preparação, tal como na confecção de brindes que foram distribuídos às convidadas, ou simplesmente na preparação de bebidas. Mas a presença de homens no ritual praticamente inexiste e soube-se de um fato, onde um jovem foi surpreendido assistindo ao chá e por isto foi fisicamente agredido. Em um outro caso, o noivo "penetrou" em um chá, tendo ficado chocado ao surpreender a noiva despida e rompeu o noivado, alegando falta de moral por parte da mesma. Por outro lado, sabemos da ocorrência de chás mistos, onde obviamente as mesmas brincadeiras não ocorrem. Estes eventos são mais comuns entre grupos de pessoas que se consideram mais avançados e dizem reconhecer uma igualdade entre os sexos.

II

Antes de iniciarmos a análise, propriamente dita, é interessante ressaltar que o chá-de panela é apenas uma etapa de um processo de iniciação. Este se origina no reconhecimento de um fenômeno biológico (ou seja, o aparecimento da primeira menstruação), que

[3] Também na despedida-de-solteiro é vetada a presença feminina. Está ainda para ser feito uma análise deste rito que é o oposto do chá-de-panela. Ao que sabemos, parece que o mesmo tem perdido sua antiga importância.

transforma a menina em moça, apta a participar de eventos sociais como adulta, fato este que é publicamente reconhecido na sua festa de debutante (ou de 15 anos). Aqui, como em muitas sociedades primitivas, o rito não se realiza imediatamente após o fato biológico mas posteriormente englobando toda uma classe de idade.

Este processo ritual de iniciação ocorre paralelamente com o de socialização, sendo que os ritos marcam os momentos de passagem de uma para outra etapa. O que imaginamos é a existência de duas seqüências paralelas, uma ligada à educação do novo elemento, quando lhe é transmitido a ideologia referente ao seu papel feminino, e outra correspondente aos procedimentos rituais que coroam o seu aprendizado em cada etapa. Assim a menina se transforma em moça e depois em mulher. Enquanto menina ela brinca, mas utiliza de brinquedos que a preparam para as atividades das etapas subseqüentes. Muito mais do que ocorre com os meninos, que utilizam brinquedos que provavelmente pouco tem a ver com o seu futuro real, elas recebem aqueles que visam a desenvolver habilidades domésticas. E neste sentido, nos referimos a objetos ou jogos ligados à casa (brincar de casinha). Como moça, ela deve cuidar de seu corpo, a fim de se tornar atraente, capaz de obter um parceiro com o qual ela possa usá-lo. Festa de 15 anos, chá-de-panela e cerimônia de casamento são os rituais que estão ligados a estas diversas passagens dentro de um mesmo processo.

Com efeito, em todas as sociedades humanas existem rituais que marcam as mudanças de status que ocorrem nos ciclos de vida dos indivíduos. Estes ritos podem em alguns casos serem confundidos com outros tipos de comportamento padronizado e para se estabelecer uma distinção entre ambos é necessário recordar o fato de que os ritos, ao contrário dos demais, caracterizam-se por possuirem uma forte simbolização que se expressa através das diferentes etapas dos rituais. Nossa análise pretende demonstrar que o chá-de-panela é de fato um ritual social.

Inicialmente, discutiremos as diversas brincadeiras que ocorrem no chá. Como primeiro exemplo, temos o jogo de "colocar o rabo no elefante", que é uma variação de conhecido folguedo infantil que visa a desenvolver o senso de orientação — procura. A noiva com olhos vendados tenta apontar com o dedo indicador o lugar onde deveria estar o rabo do animal, mas no final é levada a colocar o dedo dentro de um recipiente com miolos de pão molhados, o que a leva geralmente a se assustar e a gritar, provocando comentários tais como "é isto mesmo, casamento é isto". Trata-se simbolicamente da mulher no ato sexual, embora o rito inverta os papéis. O dedo

representa o falo e o recipiente a vagina, reconstituindo a sua umidade e virgindade. O grito da noiva ao perfurar a massa traduz um sentimento de surpresa e até certo ponto de repugnância, os mesmos que costumam ser atribuídos à noiva durante o seu primeiro ato sexual.

Outra brincadeira consiste em fazer a noiva sentar sobre um ovo, o que apresenta evidentes conotações simbólicas: ela suja exatamente as partes de seu corpo que estariam envolvidas na relação sexual. O ovo, por sua vez, é um símbolo de fertilidade, o que é consistente com a função reprodutora do casamento; daí tal termo ser também utilizado para designar os testículos.

Outra brincadeira ocorre quando a aliança é retirada do dedo da noiva, criando uma expectativa para a mesma de perda do anel. [4] Em seguida, ela é informada de que o objeto foi encontrado dentro de um prato de farinha e que ela deve recuperá-lo procurando-o com a língua, oportunidade que é utilizada para sujar ainda mais o seu rosto e cabelos.

O ato de macular a noiva também é observado em um outro jogo, no qual a moça, com os olhos vendados, é levada a mergulhar a sua mão direita dentro de um copo d'água, por 3 vezes, repetindo a frase: "vou ser feliz". Depois, por 3 vezes, o fundo de um outro copo, sujo de um cosmético, é passado na mão molhada da noiva, sendo então repetidas expressões que lhe desejam felicidade. Finalmente, a moça é induzida a se benzer, também por 3 vezes, pedindo a proteção divina para o seu casamento, o que a faz ficar com o rosto sujo. É também comum nos chás mascarar a moça com cométicos ou farinha. Enfim, isto parece sugerir uma preocupação ritual de macular aquela que por definição deve ser imaculada (virgem).

Existem, ainda, outras brincadeiras, das quais destacamos duas em que as convidadas participam juntamente com a noiva. A primeira trata-se de um jogo de palavras que consiste em entregar a cada uma diferentes cartelas, dividas em colunas verticais, sendo que na primeira delas escreve-se verticalmente uma palavra como casar, amar, etc., e a cada letra desta palavra deve ser relacionada uma outra palavra que signifique o nome de um utensílio de cozinha ou de um alimento. A segunda brincadeira inicia-se com a distribuição de papéis com os nomes dos noivos, a seguir cada convidada deve escrever um *verbo,* dobrar o papel e passar para a pessoa seguinte que escreverá um *momento,* e repetindo o procedimento uma outra pessoa escreverá *como,* e finalmente alguém redigirá *onde.*

---

[4] Existe uma crença que tal fato acarreta azares para o matrimônio.

A leitura dos papéis resulta em situações ligadas a vida conjugal. Por exemplo:

João e Maria	(noivos)
transando	(verbo)
depois do casamento	(tempo)
minuciosamente	(como)
no quarto	(onde)

As duas brincadeiras acima mostram a jovem o papel da mulher casada, destacando-se dois aspectos: um deles relacionado com as atividades domésticas e o outro com a sexual.

Diferentes roupas podem ser vestidas na noiva no transcorrer do chá. É comum que seja vestida com trajes masculinos, tais como pijama, cueca, etc. Além de reforçar o sentido de inversão muito presente no ritual, tal ato representa ainda a introdução da mesma na intimidade masculina. Tal simbologia, muito comum na linguagem de Holywood representa um ato erótico que sugere a ocorrência de uma relação sexual. Em um único chá, justamente o realizado na casa de mais alto nível econômico, verificou-se uma maior sofisticação no que se refere à roupa. Inicialmente, a noiva foi conduzida para um quarto e vestida com um traje especialmente preparado. Este consistia em uma saia longa e estreita, no meio da qual foi costurada uma vassoura estilizada, composta de um longo cabo e os seus pelos confeccionados com uma franja de papel celofane. Sobre a cabeça da jovem foi colocada uma grinalda de flores e lhe foi dado um buquê, do qual saia uma forquilha, tendo em uma das extremidades uma maçã e na outra uma cobra. Quando a noiva retornou para a sala ficou evidente a sua dificuldade em sentar, o que só seria possível de pernas abertas com o cabo da vassoura no meio, posição esta que a moça esforçava-se para evitar, provocando comentários maliciosos das presentes. O cabo de vassoura, com efeito, tem uma presença bastante constante nos chás, aparecendo muitas vezes junto aos presentes para que a noiva apalpe e adivinhe o que é. Outras vezes é utilizado para cutucar a jovem. Assim, de uma maneira ou outra, busca-se obter respostas com o sentido dúbio.

A análise destes jogos não apresenta grande dificuldade, a maior parte deles consiste na representação ritualizada do ato sexual — tal como a de untar com vasilina todos os objetos que a noiva deve pegar — ou de uma instrução a respeito do casamento. O procedi-

mento pode ser direto ou através de inversão, como vimos nos exemplos acima.

Para uma análise do chá-de-panela como "verdadeiro rito social" devemos identificar uma cadeia de símbolos determinados estruturalmente. Para isto, torna-se necessário relacionar as diferentes partes do ritual, o que faremos levando em consideração os aspectos principais de duas variantes, que resultam da síntese dos fatos observados:

	VARIANTE A	VARIANTE B
I.	Chegam as convidadas trazendo os presentes.	Chegam as convidadas trazendo os presentes.
II.	A noiva é separada dos demais.	A noiva é separada dos demais.
III.	A organizadora e as convidadas planejam as brincadeiras.	A organizadora e as convidadas planejam as brincadeiras.
IV.	A noiva tem os olhos vendados.	A noiva tem os olhos vendados.
V.	Iniciam-se as adivinhações.	Iniciam-se as adivinhações.
VI.	A noiva é despida.	A noiva é vestida grotescamente.
VII.	A noiva é presenteada com um falo estilizado.	A noiva é presenteada com um falo estilizado.
VIII.	A noiva é obrigada a desfilar.	A noiva é obrigada a realizar uma "passeata".

Pode ser verificado nos 8 itens em que foram divididos as duas variantes a ocorrência dos vários estágios de um ritual de passagem. Como todos sabem, Van Gennep em seu trabalho clássico demonstrou que essas ocasiões podem ser divididas em 3 etapas: separação, transição ou marginalidade e integração.

No caso presente, as duas primeiras etapas são facilmente identificáveis nas duas variantes:

A noiva é separada das amigas (item II, III e IV) que a partir deste momento passam a ter um comportamento inverso ao habitual. Invés de elementos capazes de lhe proporcionar segurança trans-

formam-se em agentes de incerteza e de insegurança.[5] Em todo o decorrer do ritual este caráter de separação estará sempre presente, delimitado até mesmo espacialmente:[6] de um lado da sala, as participantes que formam um grupo solidário de algozes; do outro lado, só e desamparada, com os olhos vendados, está a noiva.

O desenvolvimento do processo de marginalização prossegue com o jogo das adivinhações. A noiva tenta decifrar os enigmas que as amigas lhe apresentam. Como em outras situações, muitas delas evocadas por mitos em diversas sociedades, ela se defronta com o dilema de ou decifrar ou ser punida; em outras palavras, deve escolher corretamente entre um número não muito pequeno de alternativas. Neste ponto somos tentados a fazer uma analogia de sua situação com a de Édipo. As amigas transformadas em esfinges apresentam-lhe uma série de enigmas que, ao contrário do apresentado ao herói grego, são praticamente impossíveis de serem resolvidos. Invés da ingênua proposição da Esfinge a respeito da condição humana, obrigam-na a tentar desvendar de olhos fechados os conteúdos das caixas, maliciosamente preparadas, que versam sobre a condição doméstica da mulher. Ao contrário de Édipo, que tinha ainda os olhos abertos e pode derrotar o monstro, a noiva tem os olhos vendados e é facilmente derrotada pela plêiades de esfinges em que se transformaram suas amigas.

O item VI versa sobre a punição e é neste momento que as duas variantes apresentam a primeira divergência. Segundo a variante A ela deve ser despida, ou vestida ridiculamente como determina a variante B. Em ambos os casos, o objetivo é o de diferenciá-la cada vez mais de suas amigas, desde que em ambas as situações as regras do recato são rompidas; em todos os dois casos fica caracterizada a violação de seu papel de virgem.

A ambiguidade de seu papel no desenrolar do ritual demonstra também a sua situação de liminariedade.[7] Embora seja de início considerada, por definição, virgem e inocente (daí o comportamento

---

5 É verdade que em todo o chá existe um papel desempenhado, quase sempre por uma mulher casada e mais velha, que é o de espécie de madrinha da jovem. Procura atenuar as brincadeiras e evitar maiores constrangimentos, mas somente o faz quando acha que está havendo exagero. A sua intervenção, contudo, nem sempre é levada em consideração pelas demais participantes.

6 Esta separação espacial pode ser diamentral ou concêntrica (utilizando os conceitos de Lévi-Strauss, 1958). No primeiro caso, a noiva senta-se de um lado da sala e as convidadas do outro lado. No segundo, ela fica no centro da sala e as demais formam um circulo ao seu redor.

7 Esta liminiaridade pode significar também a própria ambiguidade do papel feminino na sociedade.

diferente em relação às noivas grávidas), sendo manifesta a função do ritual em "esclarecê-la" sobre o matrimônio, ela sofre um processo de "maculação" através de atos tais como sujar seu rosto e cabelos, dúvidas sobre a sua virgindade, do oferecimento de uma representação do órgão masculino, além da situação de extremo constrangimento provocada pela sua nudez, etc.

O item VII representa sem dúvida um momento importante do ritual de iniciação; é quando a comunidade feminina transmite-lhe um novo conhecimento, até então considerado como uma forma de tabu. Não há dúvida que neste momento o ritual assemelha-se demais com tantos outros rituais de iniciação como, por exemplo, a do menino bororo a quem é apresentado o zunidor, cuja visão é somente permitida aos iniciados.

O item VIII de ambas as variantes expressa uma distinção semântica que vale a pena ser enfatizada: a noiva nua "desfila", a noiva grotescamente fantasiada realiza uma "passeata".[8] Há um sentido de ordem no primeiro caso e de inversão no segundo. A noiva nua mostra os seus atributos físicos que lhe qualificam para o matrimônio, da mesma forma que nos chás de 40 anos atrás ela exibia seus dotes culinários e manuais. Não lhe basta apenas estar apta para a execução de seus papéis domésticos, é também necessário que demonstre ter as qualidades para ser uma boa parceira sexual.[9]

E a noiva fantasiada que realiza a sua "passeata", numa forma de zombaria do matrimônio, estaria agindo muito diferentemente da primeira? Num certo sentido, sim. Isto porque, mais do que acontece na variante A, a variante B tem um forte significado de inversão. Em termos do mundo ritual, como também acontece no mítico, a inversão pode significar apenas mais uma maneira de enfatizar a ordem estabelecida. No caso poderíamos dizer que uma de suas funções é a de atenuar os efeitos difíceis da mudança de status.

Esta diversidade das duas variantes pode ser melhor entendida se considerarmos a classificação de Leach (1974: 260-209) para os ritos sociais de formalidade e de mascarada. A segunda variante

---

[8] Roberto Da Matta, em uma análise do carnaval e de uma data cívica, distingue "passeata" de "parada", demonstrando o caráter contestador do primeiro em relação ao segundo, que enfatiza uma ordem estabelecida. Desfile, como todos sabem, é mais um sinônimo de parada do que de "passeata".

[9] Esta última afirmação contém evidentemente uma contradição que tentaremos esclarecer nos parágrafos seguintes.

é a que se afasta mais do rito de formalidade, mas de qualquer forma ambas retornam a este tipo de ritual quando o terceiro estágio (o da integração) preconizado por Van Gennep ocorre. Esta etapa, entretanto, somente se desenrola com a cerimônia do casamento, que se inicia com a noiva sendo vestida pelas amigas e parentes para o ritual religioso. É este o item IX que faltou nas duas variantes. A noiva que foi despida de seu status de solteira no chá-de-panela termina, então, o seu período de marginalidade e recebe um novo status, o de mulher casada, num ritual de formalidade, segundo a classificação adotada.

Finalmene somos tentados a conjecturar como este ritual torna explícita a estrutura social. A nossa tentativa será limitada pela ausência de uma análise diacrônica. Somente através desta seria possível correlacionar as mudanças que, nos últimos anos, ocorreram no ritual e que sem dúvida estão correlacionadas com as transformações sofridas pela sociedade. Esta análise não pode ser realizada porque dependeria de um conhecimento empírico maior a respeito das modificações que afetaram a posição da mulher. Este conhecimento depende da realização de diversas pesquisas, que não foram ainda realizadas ou publicadas. Portanto, somos forçados à limitação de nossas conclusões e gostaríamos apenas de enfatizar que a ênfase ritual no papel doméstico da mulher e de sua virgindade é uma maneira que os mecanismos conservadores da sociedade tem para reagir a nova situação da mulher no mundo atual e a perda (como assim parece registrar o discurso das participantes) da importância da virgindade para o matrimônio.

Continua como pontos contraditórios nesta análise os fatos de que tratando-se de um ritual de iniciação era de se esperar que todas as participantes, com exceção da noiva, deveriam já serem iniciadas. Isto não ocorre: as amigas da noiva são jovens solteiras e casadas, incluindo as vezes nesta categoria pessoas mais idosas como mãe, sogra ou tias. Somente na Bahia o rito parece estar restrito à participação de apenas noivas e casadas, o que também não resolve a questão. Outro fato é o de que existe uma contradição entre a ênfase dada aos papéis domésticos e passivos da noiva e a preocupação, num dado momento, que ela demonstre estar apta para ser uma ótima parceira sexual. E, finalmente, a grande contradição é o fato de que as participantes consideram-se avançadas por estarem tomando parte num rito moderno, onde existe um máximo de liberdade, com lugar até para obscenidades. Falta-lhes a consciência de que são atrizes de um ato que tem uma mensagem extremamente conservadora. Somente podemos entender estas con-

tradições em função do momento de ambiguidade e de transição ocupado pela mulher dentro da sociedade.

Poderíamos concluir dizendo, ainda, que hoje existe uma menor distinção entre os papéis desempenhados pela mulher solteira e pela mulher casada. Daí a necessidade de um ritual que enfatize a diferença de status.[10] Concluindo, os autores reconhecem que neste exercício não esgotaram o rico manancial de conteúdos simbólicos constituídos por estes ritos sociais femininos de nossa sociedade, que deve merecer novas pesquisas.

---

[10] "Quanto maior a diferença de papel menor o ritual, quanto menor a distinção de papéis maior o ritual" (Gluckman, 1962:34).

BIBLIOGRAFIA

DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger*. London, Routledge & Kegan Paul, 1966.

GLUCKMAN, Max. *Essays on the Ritual of Social Relations*. Manchester. Manchester University Press, 1962.

LEACH, E. R. *Repensando a Antropologia*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1974.

LÉVI-STRAUSS, C. *Anthropologie Structurale*. Paris. Librairie Plon, 1958.